

Casas de araucária: patrimônio arquitetônico de Curitiba

Autor:**Alan Ripoll Alves**

Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento com pós-doutorados em Sustentabilidade, Desenvolvimento Territorial Sustentável e Turismo, professor da Universidade Federal do Paraná

DOI: 10.58203/Licuri.21193

Como citar este capítulo:

ALVES Alan Ripoll. Casas de araucária: patrimônio arquitetônico de Curitiba. In: SILVA, Maria José das Neves (Org.). *Mosaico da humanidade: conexões nas Ciências Humanas e Sociais*. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 27-38.

ISBN: 978-65-85562-11-9

Resumo

Esta pesquisa efetuou um resgate do processo iniciado com a imigração polonesa no Estado do Paraná e que culminaria com a permanência da casa de araucária como um dos remanescentes das inter-relações entre o meio ambiente e a arquitetura, no âmbito da manifestação histórico-cultural do agricultor familiar. Assentada nos princípios da interdisciplinaridade, a revisão teórica adotada sustentou o pressuposto de que a arquitetura popular, em seus conceitos básicos, presumia a interação entre o ambiente artificialmente criado e o meio a ele externo, como se o primeiro fosse uma extensão do segundo, e vice-versa. O objetivo do estudo consistiu em interpretar a funcionalidade de uma construção de madeira dentro de um contexto, considerando desde os elementos atuais presentes na mesma até aqueles que fossem antecessores a ela. Para a condução do trabalho, foram realizadas identificações de casas de araucária em Curitiba, seguidas de levantamento histórico. Entre os locais analisados, observou-se uma relação de identidade entre o descendente de imigrantes poloneses e os elementos que compunham o seu universo de vivência, fazendo emergir, por um lado, a manifestação de eventos como nostalgia, tradicionalismo e religiosidade e, por outro, um cenário de descaracterização nas casas estudadas, em grande parte devido à influência exercida pelos centros urbanos, com o crescimento da atividade industrial, da especulação imobiliária e da facilidade de acesso. O exame desse percurso, por sua vez, forneceria subsídios para a compreensão das mudanças históricas, culturais, políticas e socioeconômicas que contribuíram para consolidar a Curitiba do presente.

Palavras-chave: Imigrantes poloneses. Agricultura familiar. Planejamento urbano. História ambiental. Construção de madeira.

INTRODUÇÃO

A árvore representa o vegetal de maior importância para a história da humanidade. É praticamente impossível pensar a existência da espécie humana, desde os seus ancestrais até o presente, sem a participação da árvore no fornecimento de moradia, alimento, proteção, conforto, dentre muitos recursos e condições, os quais só vêm a ressaltar a necessidade de se conhecer mais a fundo essa relação.

Adorada por alguns reis na Antiguidade, determinadas espécies de árvore tiveram valorização reconhecida pelo seu estado como um todo, enquanto ser vivo e representante simbólico dentro de uma cultura. Porém, nenhuma associação se tornaria mais forte, com o transcorrer do tempo, do que aquela estabelecida entre a árvore e a madeira.

Há milhares de anos, juntamente com outras matérias-primas fundamentais, como a pedra e o barro, a madeira vem participando das principais mudanças ocorridas no planeta. Dos grandes impérios às casas contemporâneas, passando pelas travessas das vias ferroviárias - que transportavam vagões carregados de lenha para abastecer as grandes indústrias -, a madeira assumiu tal destaque que o próprio registro das principais informações que se conhece é feito em papel, talvez um dos mais difundidos produtos derivados da madeira. A arquitetura, por sua vez, não se tornaria alheia a esse processo e se expressaria em diversos contextos.

Dentro do conhecimento arqueológico, a madeira ocupa posição de prestígio no crescimento das grandes civilizações. O fato de ter sido mais fácil de trabalhar do que a pedra fez com que ela também se tornasse aplicada nas construções das pirâmides egípcias, seja em estruturas de sustentação, seja na produção de ferramentas. A Bíblia inclusive registrou o uso da madeira de cedro do Líbano na construção do Templo de Salomão (STUNGO, 1999).

Indícios seguros apontam que a utilização inicial de peças de madeira de pequenas secções teria ocorrido em casas de troncos há mais de mil anos antes da Era Cristã, em regiões que corresponderiam ao atual Norte da Europa e Escandinávia. Provavelmente, desde cedo teria se descoberto que era possível aumentar a durabilidade e a qualidade estrutural da madeira a partir de sua combinação com pedras e, anos mais tarde, cerâmicas, metais e outros recursos (IMAGUIRE JÚNIOR, 1993).

Teria sido a falta de madeira nos países mediterrâneos o que determinaria o emprego da pedra na construção, apesar de a madeira ter continuado a intervir na atribuição de formas e decoração nas primeiras construções, como seria o caso do templo grego Parthenon, do séc. V a.C., em que se pode contemplar colunas redondas, grossas e estriadas como troncos de árvores. Outra justificativa relevante para o maior uso da pedra em algumas regiões seria a sua maior resistência em períodos de guerra e eventos como incêndios (STUNGO, 1999).

A importância da madeira, enquanto material construtivo, dependia do conhecimento em identificá-la como parte de uma produção arquitetônica coerente com o meio em que estivesse situada, sujeitando-se a possíveis adaptações em função da realidade de cada local (SÁNCHEZ et al., 1987).

Em quase toda a Europa, até princípios do séc. XVII, a madeira era o material mais frequente em edificações, mas que progressivamente teria perdido espaço, apesar de que, por ironia, tal período tivesse coincidido com o da intensa exploração de madeira nas colônias americanas - principalmente a brasileira. Mesmo assim, nessa época, já havia se estabelecido na Europa a figura muito forte do artífice carpinteiro (STUNGO, 1999).

Ao construtor de casas, pela reputação que ensejava, era primordial que fosse um bom profissional, não por se sentir forçado por normas construtivas ou contratos, mas em nome de sua integridade pessoal. Supervisionava a colocação das pedras de cimentação, a triagem e o corte das árvores, a seleção da carpintaria de armar para cada caso e o levantamento da estrutura. Assegurava-se da conexão das tábuas e tabuões de recobrimento e de tudo aquilo que fosse imprescindível para concluir e completar a casa. Graças ao conhecimento que gozava, gerava desenhos e estabelecia proporções à semelhança dos arquitetos, engenheiros e construtores atuais (STUNGO, 1999).

Com base na representação construtiva demonstrada pela casa da madeira de araucária - dentro do universo simbólico, histórico-cultural e organizacional considerado por este estudo, este estudo buscou analisar a funcionalidade de uma construção de madeira dentro de um contexto, considerando desde os elementos atuais presentes na mesma até aqueles que fossem antecessores a ela.

METODOLOGIA

Os poloneses, além de representarem o maior grupo de imigrantes do Estado do Paraná (MARTINS, 1944), revelaram ao autor desde os primeiros passos deste trabalho um quê de particular no modo como mediavam a relação meio ambiente-arquitetura. Observou-se que esse grupo, juntamente com os ucranianos, apresentava, aliado à técnica dele característica, um ritmo diferenciado na evolução de suas construções, na medida em que foram se adaptando à realidade brasileira.

O estilo como a madeira de araucária foi concebida pelos poloneses na atividade de construção mereceu destaque neste estudo, pois recebeu especial apreço histórico-cultural, no sentido de torná-la parte do *modus vivendi* e *modus operandi* desses imigrantes, sejam em suas casas, ambientes que convergiram plurais relações - de religiosas às familiares -, além serem praticamente os seus únicos espaços privados juntamente com suas terras; sejam em outras construções de significância a esses imigrantes, como as igrejas e associações.

Esta pesquisa apresentou cunho analítico-histórico; caráter exploratório; natureza qualitativa - sendo conduzida por levantamentos teóricos acerca das casas de araucária identificadas -; e descritiva, por meio da caracterização da agricultura familiar, e da interface estabelecida entre a construção de araucária e o agricultor familiar, descendente de imigrante polonês, nas manifestações histórico-culturais evidenciadas nessa relação, como parte da formação da identidade desse agricultor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas sociedades “economicamente em desenvolvimento”, a casa, em seu arranjo, suas funções e sua decoração, simboliza aos olhos de seus habitantes as estruturas de sua sociedade em relação com o mundo invisível dos ancestrais e o sistema do mundo tal qual ele se representa (MINISTÈRE ..., 1986).

A tendência primária dos estudos relacionados à habitação geralmente é realizar uma descrição detalhada de sua morfologia geral e de qualquer elemento que a integre,

suas relações com fatores geográficos e variáveis econômicas, uma descrição tecnológica do seu processo de construção ou as análises dos elementos estéticos embutidos na sua construção.

Uma segunda tendência seria “ler” a habitação sob um viés simbólico, estudando suas relações com o pensamento religioso ou filosófico da sociedade. Nesse caso, o conjunto da habitação e qualquer componente a ela ligado não seriam observados simplesmente de forma direta, pois a realidade passaria a ser vista como uma luz que se difundiria através de um prisma.

Raros são os estudos concernentes à habitação que se colocam como outra perspectiva, considerando, por exemplo, as relações entre o ocupante e a casa, entre a família e a moradia. A natureza social das relações humanas, incluindo-se nessa esfera o componente familiar e a organização do grupo maior ao qual esteja associada, abrange fenômenos que fogem à rigidez de processos econômicos ou à mera ocupação do espaço em dado período cronológico.

Na maioria das sociedades “economicamente em desenvolvimento”, a casa é estreitamente ligada à união por casamento. Através dessa condição criada, não só o local de habitação recebe fins específicos, como também se estabelecem funções e divisões entre os agentes que participam desse ambiente construído. O próprio processo da edificação da casa segue um aspecto ritual ou religioso, instintivamente manifesto na ação técnica e social ligada a uma ação mística: “construir uma casa é perturbar o espírito do sol, arriscando causar desordem na terra e no curso da água”. Da mesma forma, as dimensões da casa devem se conformar aos imperativos religiosos, quando o carpinteiro ergue uma coluna, ele respeita certas correspondências, como medidas escalares e espaciais - esta coluna em relação ao sol, à terra e ao curso da água (MINISTÈRE ..., 1986).

A interpretação de uma vivenda naturalmente atravessa a estrutura do grupo doméstico, os seus hábitos, as suas tradições e atividades recreativas e laborais, considerando a vida cotidiana e o papel individual e coletivo dos membros da casa.

Talha-se uma espécie de molde, no qual cada elemento desenvolve uma forma e função, que ao longo do tempo pode ser reproduzido e aprimorado, sempre se referenciando na matriz principal, em que a habitação se sobressai.

A casa em si mesma pode ser explicada como uma redução, uma simbolização do

universo no qual o homem existe. As dimensões atribuídas às diferentes partes do edifício respondem aos nomes que são significações precisas e simbolizam determinado elemento ou certa categoria do universo (MINISTÈRE ..., 1986).

No entanto, não basta considerar a casa como um “objeto” em que convergem julgamentos e devaneios, haja vista a fenomenologia de valores nela atuantes. Tal processo requer um esforço no sentido de compreender o habitar nas suas múltiplas variações.

Segundo Bollnow (2008), habitar é uma condição básica da vida humana (...), uma busca pela identificação, enraizamento e pertencimento por meio da casa, encontrada no centro de todo o longe.

Esquivando-se de uma possível exploração infrutífera da definição mais adequada do habitar - ainda que algumas tentativas nos campos geográfico e etnográfico tenham merecido reflexão -, preferiu-se o refúgio no corpo de imagens proposto pela fenomenologia, integrando valores particulares em um fundamental, “procurando a concha inicial em toda moradia, no próprio castelo” (BACHELARD, 1993, p. 24).

Abordar as imagens da casa possibilita transmitir a elasticidade psicológica de sentimentos sustentados na memória e imaginação. Por meio dos elementos da casa, talvez mais do que pelas lembranças, pode-se chegar à essência inigualável de cada casa. Bachelard (1993, p. 26) afirmou que “a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”. Na situação desta pesquisa, buscar-se-ia entender como esses sonhos teriam se materializado por intermédio da conformação adquirida pela casa e desta em relação ao meio.

Se as necessidades humanas não se limitam ao físico, a casa - como extensão física e imaterial do próprio homem - também não está restringida à função de acolhimento, pois oferece consolo interminável ao ser humano desde o seu nascimento, proporcionando-lhe contínuo conforto (SCHMID, 2005). É nas habitações que um grande número de lembranças se encontra guardado, podendo se tornar ainda mais veladas e especiais se estiverem amarradas a um sótão, porão, a cantos ou corredores, pois em espaços como estes se encontram lembranças dos principais refúgios no período de infância. O saudosismo é como uma sombra que persegue o homem por toda a vida.

Apesar de o indivíduo buscar proteção dentro de casa - ou através de sua casa -

contra o meio, este não deixa de se exprimir e modificar a paisagem ao seu redor, impondo a marca da sua presença. Esse fenômeno pode ser observado em nível universal, seja no homem em suas terras de origem, seja no colonizador em território explorado ou pelo estrangeiro fora de seu país. Existe uma tendência naturalmente humana de tornar seu espaço de atuação, incluindo-se aí sua vivenda, uma extensão do seu conforto, onde possa buscar atender seus interesses e necessidades (MARTINS, 1989). Entende-se, neste caso, a casa como um corpo de imagens que conferem ao homem razões ou ilusões da estabilidade, sugeridas pela imaginação da casa como um ser vertical - um apelo à consciência humana de verticalidade - e imaginação da casa como um ser concentrado - que conduz à consciência da centralidade (BACHELARD, 1993).

A habitação permeia um conjunto de relações objetivas e subjetivas, que reduzem e expandem, ao mesmo tempo, a concepção de mundo que dela faz parte, mas que, de alguma maneira, corresponde a um espaço de transição para diferentes etapas da vida, armazenando características que tornam toda casa única.

Casa de Aracária

Ao se visualizar a habitação como um espaço para montar e exercer uma série de atividades humanas, abrem-se percursos sobre os quais o ambiente externo age como limitador. Tal “limitação”, de certo modo, gera uma concentração de esforços em torno da casa, que não se encerram na sua finalização, transpassando os anos e criando uma história própria (CORBELLA & YANNAS, 2003). Parte desse caminho passa pela construção da moradia. Qual material escolher? Aonde deverá estar localizada? Como será seu tamanho e sua divisão? É bem provável que tais questionamentos, somados a outros, componham as reflexões que antecedem à concretização de uma casa.

Uma morada tem o importante papel de convergir para si pensamentos, labor, ócio, vidas. Para isso, ela precisa ser moldada e se moldar diante de necessidades, desejos e das próprias exigências impostas pelo tempo. Interessante é observar esse decurso em uma casa que já é “viva antes de existir”, uma casa de madeira.

Essa carga de amor pode estar representada sob diferentes formas, desde a tectônica das tábuas - movimentadas continuamente, como a vida e o universo,

articuladas da sua concepção à materialização (COSTA, 1980; BERRIEL, 2011) - até a conformação atribuída à casa, na condição de um membro a mais da família, erguida para se tornar companheira por toda a vida, pensada para funcionar em suas partes como seu fosse um corpo humano.

A madeira, por sua organicidade e heterogeneidade, propicia aproximar a arte, ou melhor, a construção do natural. As suas propriedades revelam per se as diferenças que necessitam ser compreendidas pelo carpinteiro, de maneira que este possa analisar visualmente a madeira, determinando sua aptidão e definindo seu papel na construção. Os nós e as rachaduras, que na árvore possuíam funções específicas, na madeira de construção precisam ter seu uso adaptado, quando possível, ou, caso contrário, seu emprego é descartado. As características anisotrópica - cujas propriedades variam significativamente de acordo com a direção das fibras - e higroscópica - baseada na quantidade de água adsorvida na madeira,

regulando sua dilatação e contração - são outros fundamentos que, empiricamente, na maioria dos casos, são considerados pelo carpinteiro antes de dar início a um trabalho em madeira (BERRIEL, 2011). Conhecer a técnica construtiva de uma casa de madeira implica conhecer o material, os procedimentos e os utensílios aplicados pelos carpinteiros que a construíram (ZANI, 2013).

No caso do Paraná, verificou-se que era impossível dissociar a história de ocupação da região da arquitetura em madeira, pois ela documentou uma parte fundamental do seu processo de formação: a chegada, integração, assimilação e transformação dos imigrantes europeus, cujos descendentes se encontram hoje dissolvidos na maioria das cidades paranaenses (URBAN & URBAN, 2004; MIRANDA, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final do séc. XVIII teria início o desbravamento do território do Sul do Brasil. O Paraná, em meados do século seguinte, passaria pelo mesmo destino, que seguiria do litoral em direção ao sertão.

Ao longo dessa trajetória, a qual não deixaria de ser uma redescoberta da então Província do Paraná, chegar-se-ia à madeira de araucária, ainda pouco valorizada para

fins de exploração. Existiriam no mercado produtos cujos lucros se mostrariam sobrepujantes a qualquer retorno obtido por meio da madeira: a erva-mate e o café. Essa mudança, contudo, seria apenas uma questão de tempo.

Enquanto isso, mesmo participando da exportação de produtos que se destacavam na balança comercial brasileira, o Paraná se revelaria limitado na geração de alimentos de subsistência, especialmente para abastecer aquela que, em 1848, tornar-se-ia sua capital: Curitiba. Além disso, o Paraná, na condição de Província, estaria por várias décadas subordinado à Província de São Paulo, alcançando independência apenas 1853.

Tal cenário se tornaria ainda mais retraído quando, anos mais tarde, os ciclos da erva-mate e do café começariam a arrefecer, face à sua desvalorização comercial e à concorrência que se estabeleceria.

A araucária, caracterizada essencialmente por sua madeira retilínea, de baixa densidade e desprovida de nós cruzados na parte inferior, revelar-se-ia a melhor das alternativas para reerguer a economia em baixa. No transcorrer de meio século, uma quantidade sem precedentes de madeira seria retirada da Floresta com Araucária, fluxo que se estenderia por um vasto território do Paraná, bem como Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, o então Presidente da Província do Paraná (1875-1877), Adolfo Lamenha Lins, considerando os problemas pelos quais passava a capital, resolveria dar início ao processo de colonização da Província, estimulando a vinda de imigrantes que estivessem em uma situação instável nas suas nações de origem, oferecendo-lhes terras e outras vantagens.

O universo formado pelas colônias ganharia dinamicidade nas primeiras décadas do séc. XX, quando ocorreria a chamada “febre brasileira”, atraindo principalmente imigrantes poloneses, que se direcionariam em sua maioria ao Paraná. No agora Estado, desenvolveriam a agricultura de forma singular, adaptando-a e criando métodos, técnicas, ferramentas e recursos diversificados, os quais se tornariam verdadeiras colaborações ao cenário agrícola da época.

Aprenderiam a conduzir e a expandir seus cultivos, rompendo provavelmente com as características que os ligariam à imagem pretérita do camponês, abandonada logo nos primeiros anos de colonização.

O legado polonês, todavia, teria chegado ao ápice a partir da criação da casa de araucária, uma construção provavelmente endógena, paranaense, e que caracterizaria sublimemente a interação do imigrante ao meio. Suas variações entre o que representaria uma arte da carpintaria e o funcional de uma habitação proporcionariam inúmeras interpretações focadas na casa de madeira em si e nas relações harmônicas que mantivessem junto a um arranjo espacial.

A arquitetura de madeira no Paraná, cujo clímax teria sido alcançado por meio da casa de araucária, seria outro alicerce fortemente abalado nas atuais condições. Esse tipo de representação se mostra fundamental à identificação do imigrante não somente polonês, mas europeu que migrou para o Estado, dentro do seu próprio reconhecimento na sociedade brasileira, constituindo-se um verdadeiro patrimônio nacional e paranista. Como tal, deveria ser valorizado enquanto bem histórico e pessoal, recebendo incentivos de ordem pública à preservação por meio de legislação específica, financiamento à manutenção e ao restauro (independente da condição de tombamento) e à isenção de taxas básicas, como o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). A formação de Parcerias Público-Privadas (PPPs), a atuação de associações comunitárias e de Organizações Não-Governamentais (ONGs), e principalmente o trabalho integrado entre o setor público e a população podem se tornar caminhos estratégicos contra o desaparecimento dessas construções.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *A poética do espaço* [Trad. Antonio de Pádua Danesi; rev. Trad. Rosemary Costhek Abílio]. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

BERRIEL, A. *Tectônica e poética das casas de tábuas*. Curitiba: Instituto Arquibrasil, 2011. 108 p.

BOLLNOW, O. F. *O homem e o espaço* [Trad. Aloísio Leoni Schimid]. Curitiba: UFPR, 2008. 327 p.

CORBELLA, O.; YANNAS, S. *Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos - conforto ambiental*. Rio de Janeiro: Revan, 2003. 288 p.

COSTA, L. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: Bloch/ Fename, 1980. s/p.

IMAGUIRE JÚNIOR, K. *A casa de araucária*. 126 f. Tese (Concurso para Professor Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

MARTINS, R. *Origens do Povoamento de Curitiba: Terra e Gente do Paraná*. Curitiba: Diretoria Regional da Geografia do Estado do Paraná, 1944. p. 188-195.

MARTINS, W. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. 470 p.

MINISTÈRE de l'Équipement, du Logement, de l'Aménagement du territoire et des Transports. *Habiter le bois*. Paris: MELAT, 1986. 190 p.

MIRANDA, N.; WOLFF DE CARVALHO, C. *Paraná de madeira*. Curitiba: 2005. 208 p.

SÁNCHEZ, F. et al. *Arquitetura em madeira: uma tradição paranaense*. Curitiba: Scientia et Labor, 1987. 106 p.

SCHMID, A. L. *A ideia de conforto: reflexões sobre o ambiente construído*. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005. 338 p.

STUNGO, N. *Arquitectura en madera: nuevas tendencias*. Barcelona: Blume, 1999. 240 p.

URBAN, T.; URBAN, J. **Tu i Tam**. *Memória da imigração polonesa no Paraná*. Curitiba: Mirabilia, 2004. 181 p.

ZANI, A. C. *Arquitetura em madeira*. Londrina - PR: Eduel, 2013. s/p.